

Roda de conversa 10

Moderadores: Sergio Molina e Adriana Terahata

Participantes: Pedro Paulo Salles e Melina Fernandes Sanchez

Sergio Molina – Projeto “A Música na Escola” chega a 10ª roda de conversa, que tratará da música como instrumento pedagógico, de questões relacionadas à interdisciplinaridade e à transversalidade.

Pedro Paulo Salles – O tema é instigante e eu posso dizer que a música como instrumento pedagógico é uma das coisas da qual se tem falado muito ultimamente e que gera uma série de questionamentos, muitos deles decorrem das práticas nas escolas. Escolas que têm aula de música ou escolas que têm música de alguma maneira como componente pedagógico. Preocupa-me muito o lugar da música nessa grade, na educação. Quando se fala da música como instrumento pedagógico se remete ao fato de a música ser utilizada para atingir determinados objetivos, geralmente não musicais e, muitas vezes, com qualidade duvidosa.

O professor virou uma espécie de animador com musiquinhas, sem trabalhar a riqueza do conteúdo e torná-lo interessante por si mesmo. O que acontece é que, às vezes, mesmo o professor de música que procura trabalhar a música como um componente integrado com outra disciplina, tentando uma interdisciplinaridade, acaba se perdendo. Ele perde o foco da música. Não é que eu defenda uma música pura que não possa ser integrada com outras áreas, muito pelo contrário. Só acho que essa integração tem de ser cuidadosa. Tem de ter critério de qualidade do material sonoro, do material musical a ser utilizado.

A produção musical feita para criança nas últimas décadas melhorou muito. Nós temos a felicidade de ter uma produção que se aproxima da produção antiga, das décadas de 1940 e 1950, em que se tinha alguma coisa atrelada ao folclore, que se preocupava com a qualidade de uma música em que a criança iria usufruir e ouvir. Eu gostaria de apontar o cuidado no trato da música como um conhecimento humano e não simplesmente como um enfeite, um trampolim para se atingir outra coisa.

SM – Vou passar a palavra para a Melina, que tem trabalhado a interdisciplinaridade de outro ponto de vista, que é o das intersecções do corpo, a dança e a música, que aparentemente estão separadas atualmente.

Melina Fernandes Sanchez – Sendo das interfaces, ou seja, uma pessoa da dança na educação musical, eu quero refletir sobre a questão do uso da dança ou das atividades de dança, dentro da educação musical.

Do mesmo jeito que temos a música para aprender Matemática, a música para desestressar, a música para acalmar, onde está a vivência musical em si, quando ela vem de forma integrada com a dança?

Uma dança de roda, por exemplo, que é uma prática comum nas escolas, muito antes da obrigatoriedade da música nas escolas. Quando isso se torna uma vivência musical em si e não uma dança para integrar o grupo e depois aprender música?

Nós somos seres encarnados no corpo, estar no corpo é nossa forma de estar no mundo, então, logo o professor tem que olhar para isso. O professor de música que faz uso dessas atividades tem que olhar sobre uma perspectiva mais ampla. Não é uma dancinha “para”. É um aluno, que é um ser integral, corpo e mente, que está fazendo música.

Aí a criança começa a se perder no movimento e esquece que está fazendo música, onde está o foco disso? Eu acredito que está na intersecção. Historicamente, disseram que dança e a música nascem juntas. Música gera movimento, som gera movimento e movimento é som. Eu acho que não dá para separar. Um bebê canta e emite sons já se movimentando. Falamos que a escuta se dá pelo ouvido e não é verdade. Ela se dá por inteiro. Sentimos a vibração pelo corpo e o corpo reage à música. Inclusive as atividades de escuta são corporais sob esse ponto de vista.

PS – O ouvir é corporal. Não ouvimos apenas pelo ouvido. A gente não tem consciência, a não ser pelo tato e pela visão, que o ouvido está localizado aqui. Sentimos a música no corpo todo.

Adriana Terahata – Como vocês veem a professora reconhecer, na especificidade da criança, que aquilo é música, é movimento, é dança?

PS – Existe uma corrente de educação musical que acredita que ela é para criar ouvintes. Eu não discordo, mas, acho que é muito mais do que isso. Eu acredito que existem vários aspectos. Um é ouvir ativo, que é muito importante e que acontece internamente, no movimento de transformar o som, de transformar a música. Como também acontece na criação, na produção sonora. Dessa maneira, trabalha-se o ouvir, o foco está no fazer. Você ouve o que você está fazendo. Muitas vezes, o professor não percebe que o som que a criança está fazendo espontaneamente pode ser um material, que aquilo é música, ou pode ser música. Para ele, música é ouvir música, dançar a música ou imitar a música que se ouve.

Este paradigma tem de ser quebrado, senão como é que o professor irá trabalhar a interdisciplinaridade, se a música é uma disciplina reduzida?

MS – Música é como linguagem. Dança é linguagem e podem dialogar sem hierarquia. As matérias-primas da música e da dança são som e movimento, respectivamente. Se a criança produz som, geralmente via movimento, à medida que eu organizo ou faço com que ela tome consciência do que ela está fazendo, podemos fazer música a partir disso.

Mas o professor tem de reconhecer esses sons produzidos de forma espontânea. A criança é música, ela é cantante, ela é dançante. Dar consciência, fazer com que ela reflita, organizar esse material, é quando aproveitamos isso e fazemos a música em si. É muito mais o professor olhar para esse material mais rústico como um potencial para o fazer musical. É assim com a escuta. A criança passa a repetir um som que ela escutou, às vezes, ela repete esse som no corpo, não verbalmente, não oralmente.

AT – Qual seria o papel do adulto frente à criança? Seria o de ter o olhar atento para ressignificar esse conceito de música?

PS – Eu acredito que sim. Se você observar atentamente uma criança, você vai perceber uma verdadeira pesquisadora de movimentos e sons. E quanto menor a criança, maior a curiosidade. O reconhecimento que vem do adulto é muito importante, porque é ele quem faz a manutenção disso. Como isso não ocorre, a criança vai perdendo.

MS – E vai distanciando.

Roda de conversa 10

Música e dança são linguagens e podem dialogar sem hierarquia. A criança produz som, geralmente via movimento, e podemos fazer música a partir disso.

MELINA FERNANDES SANCHEZ



PS – Vai dissociando o som de movimento, de cor, de gesto, de textura. A criança setoriza essas áreas, porque esse é um mundo, vamos dizer, racional.

AT – Como pensar a questão da interdisciplinaridade pelo aspecto de ter a formação do educador musical e do educador não musical. Se falarmos em Educação Infantil, temos o polivalente. No Fundamental I, o regente de sala. Então, o que vem a ser essa relação entre as disciplinas, esses saberes humanos incluindo a Música?

PS – Há muitos aspectos a serem considerados. Um deles é o entendimento do que é música. Perceber que na música existem elementos das outras áreas é um aspecto que propicia ligações. É muito comum se ouvir dizer que a música tem relação com a matemática. Obviamente tem relação com a física. A música tem uma origem muito ligada à dança, ao teatro e à poesia. Atualmente se busca muito essa aproximação de artes e ciências, que é um campo muito fértil de pesquisas, de criação de conhecimentos. Esta seria, talvez, uma primeira questão. Enxergar o que há nesta linguagem que propicie aberturas, ligações com outras áreas de conhecimento.

MS – A escola é um espaço privilegiado onde se busca trabalhar a música, justamente, pela possibilidade dessa continuidade de uma formação mais extensiva. A pessoa poder ter música e poder construir um conhecimento ao longo da vida escolar, que é sua formação básica antes de escolher uma profissão.

Na medida em que nos aprofundamos, damos continuidade, vamos nos especializando, vamos estudar elementos específicos da música como, por exemplo, notação musical, conceitos teóricos. Sempre fazendo essa relação entre as partes, voltando para o todo, que é a concepção de música, uma forma de expressão, uma linguagem artística.

SM – Pedro, seria interessante você falar um pouco do espetáculo Monocórdio de Pitágoras, uma história em cordel, que já no título já sugere intersecções entre vários ambientes artísticos.

PS – O espetáculo parte de um convite da Estação Ciência, que é um museu de iniciação científica que recebe escolas e tem obras interativas. Lá, existe uma companhia de teatro que trabalha justamente com a conexão arte/ciência.

O convite foi feito e a primeira coisa que me veio foi o Pitágoras, pelo fato de ele ter feito experiências relacionando a música com a matemática e partindo para outras loucuras maiores como astronomia, filosofia, cosmos, equilíbrio, música no cosmos e a música das esferas. Quis transformar isso num espetáculo de cultura popular, relacionado com cultura popular.

O personagem é um cantador nordestino, um repentista que toca viola e que traz na sua bagagem a história de seus ancestrais que, na verdade, é a história do Pitágoras, tentando compreender a matemática que há dentro da música e a música que há na natureza, e a natureza incluída na matemática pra Pitágoras.

A música nordestina tem uma carga muito forte da música grega. Por meio da música da Península Ibérica, da Idade Média que chegou até aqui e é uma música modal. Isso gerou um interesse forte nessa ligação. O espetáculo é uma espécie de aula que foi tomando um corpo teatral, dramático, dramatúrgico.

SM – E poderia estar acontecendo numa escola, numa sala de aula.

PS – Sim, tanto é que as pessoas vinham falar comigo depois do espetáculo e diziam: “Puxa! Foi a melhor aula de música que eu já tive”. O espetáculo tem um pouco esse caráter, até por ser um monólogo. O cenário é um laboratório musical do Pitágoras, onde ele fez as experiências. Cada nicho do cenário tem um instrumento que se sabe que ele usou. Pitágoras não deixou nada escrito, todo o conhecimento foi transmitido por tradição oral, inclusive o teorema de Pitágoras. A integração acontece na tentativa de aproximar a matemática e a música por meio de uma linguagem popular, do cordel, da viola, e da cantoria de rua.

SM – Melina, você tem algum tipo de experiência desse tipo de manifestação interdisciplinar? Seja artístico, ou em forma de aula?

MS – Eu vivo nessa interface que é interdisciplinar à medida que eu estabeleço esse diálogo. Eu acho que tem um dançar com a música, ou um dançar para a música, ou uma música para a dança, ou uma música com dança. A interdisciplinaridade vem do “com” e não do “para”. A música com a matemática é diferente da música para a matemática. Quando se estabelece relação do “com”, de fato, eu estabeleço uma conversa entre as linguagens, que até pode ser mais conflituosa. Não precisa ser a dança respondendo para a música, mas ela ser consciente de estar ali. Eu estou conversando com ela e não a deixando de pano de fundo.

AT – Como vocês visualizam os passos disso na escola? Não da música “para” alguma coisa, mas “com”. Como seria a trajetória para esse horizonte ser palpável na escola? E o papel fundamental desse outro que apoia, que enxerga, que puxa, que ensina. Como vamos tratar disso com o educador?

PS – Não tem uma receita ou uma sequência certa ou errada. Para trabalhar a interdisciplinaridade ou qualquer tipo de integração, é preciso ter muito clara cada uma dessas linguagens. Quando você faz essa integração precisa saber: vai integrar o quê com o quê?

MS – Quem dá esse direcionamento é o professor.

PS – É o professor que vai dar esse direcionamento? Ou ele irá perguntar para as crianças o que elas estão ouvindo? Como elas estão percebendo essa música? Ou irá trabalhar com várias experiências e, a partir dessas experiências, construir uma linguagem de integrações, de conexões, de elementos da música? Ai é que está! O professor precisa estar preparado da melhor maneira possível para conseguir integrar, se não fica complicado.

A notação musical é, de fato, uma interdisciplinaridade. Claro que com um propósito. Quando se ensina a notação para criança, esquece-se completamente disso. E a criança não compreende essa experiência. Às vezes, nem é só a criança, mas o adulto, o jovem. Tem gente que desiste da música por causa disso. No entanto, é possível trabalhar isso de uma forma que essas coisas estejam integradas.

MS – A escrita, não só a musical, é uma tradução do som. Como você a organiza é que constrói as mensagens, o significado, dá o sentido. Porque letras isoladas não têm sentido. Do mesmo jeito que notas isoladas não têm sentido. O recurso é para fazer música, para você registrar.

AT – O que vocês trazem é uma necessidade profunda de conhecimento sobre aquilo que se tem feito, mas sem uma especialização para poder estabelecer relações. Porque se não, elas ficam superficiais.

MS – Esse conhecimento vem de uma curiosidade de investigar, o fato de conhecer. Isso o professor tem de ter e tem de despertar no aluno. Tem de ter uma vontade de investigar essa linguagem, o que gera o som? A música não é exclusividade da escola, ela está presente na vida, em diferentes espaços e diferentes contextos.

AT – O Pedro Paulo falou que o conteúdo tem que ter um encantamento por si só. A interdisciplinaridade e transversalidade tratam de estabelecer relações entre diferentes conhecimentos, saberes humanos. Penso que o professor precisa ser reencantado nessas diferentes áreas. Seria a música na escola, um território, um espaço, uma linguagem desse reencantamento?

PS – Espero que sim. Estamos lutando por isso. Dependendo de como você trabalhar a música, uma criança pode chegar encantada numa aula de música e sair desencantada. É uma realidade que temos de enfrentar. Aliás, em qualquer área. Há encantamento por qualquer área e há desencantamento por qualquer área.

Você tem de encantar. E a interdisciplinaridade pode ser um caminho. Por exemplo, um grupo de crianças pode estranhar muito um determinado tipo de música que ele nunca ouviu, ou, pelo menos, nunca ouviu assim, de maneira descontextualizada, como uma música contemporânea, de vanguarda.

Ele pode achar aquilo estranhíssimo, mas, há uma forma de trabalhar com esse tipo de música. E, muitas vezes, a interdisciplinaridade é um caminho. A criança não se reconhece nessa música. Então, o professor poderá trabalhar essa música com algo que ela se reconheça.

AT – De tudo o que estamos falando aqui, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, transversalidade, estamos falando, de fato, do estabelecimento de relações e defendendo a qualidade dessas relações. Interdisciplinar é quando as disciplinas se relacionam de forma qualitativa. Na transdisciplinaridade, você não tem duas disciplinas porque, conceitualmente, conseguimos olhar a formação de maneira integrada. Transversalidade é, por exemplo, a ética que atravessará todas as relações dentro do modo de funcionamento de um grupo.

PS – É fundamental que haja uma ética no ensino de música, que se respeite a criança, que se respeite a sonoridade dela, a concepção de música que ela tem, a forma como ela expressa a música, como ela entende a música, nisso eu vejo a transversalidade.

MS – É mais que conteúdo, é uma atitude. Nós estamos falando da educação musical, das questões de música e, o que eu estou falando da dança é o olhar da dança na educação musical. A reflexão que eu estou propondo é como o professor de música olha para a dança como recurso que ele pode ampliar, trazer um olhar mais global, integral para o aluno. E dançar é uma das formas dele se manifestar musicalmente ou integrar o corpo. Trazer o corpo presente para a escuta é uma das formas do fazer musical.

SM – Partindo do pressuposto de que a música não deveria ser tratada só como instrumento pedagógico e que ela é

“ Para trabalhar a interdisciplinaridade, é preciso ter muito clara cada uma das linguagens. Quando você faz essa integração, precisa saber: vai integrar o quê com o quê? ”

PEDRO PAULO SALLES



propicia para atividades interdisciplinares, a arte na escola poderia ser um instrumento para rediscutir a educação como um todo, que ainda é muito segmentada?

PS – Vejo a chegada da música na escola, como a chegada de uma pessoa nova em um grupo que já está há muito tempo junto, com certos vícios. Quando chega uma pessoa de fora, é interessante a quebra dessa estrutura. O próprio fato de estar entrando um conteúdo novo por si só, deveria fazer as pessoas pensarem o porquê de a música estar entrando agora como obrigatória. Isso mexe com a cabeça, faz a pessoa voltar a pensar o que é educação, o que é importante, o que não é.

SM – Parece que cercamos o assunto sob vários pontos de vista. O quanto pode ser rica essa intersecção na medida em que há um domínio das linguagens, dos conteúdos e também um alerta para o que não é.

MS – O grande desafio é colocar a música na escola sem escolarizar, sem perder a essência do caráter cultural e artístico da música, virar instrumento pedagógico e perder a música como essência. Como colocar a música dialogando com a vida do aluno? Isto serve para todas as outras disciplinas da escola. A música entra agora com esse desafio lançado.

PS – Estamos falando de interdisciplinaridades no momento em que o professor especialista está entrando. Antes, tínhamos o professor de educação artística. Não vamos esquecer que, supostamente, ele deveria trabalhar essa integração e esse projeto não funcionou. A educação artística ficou, no final das contas, basicamente, com as artes plásticas. Acho que é bom nós termos esse olhar histórico dessa nova interdisciplinaridade que, talvez, vá se realizar agora. Apesar de dizermos que o professor tem de ter uma formação específica, de que ele tem que ter um conhecimento profundo da área musical, se o professor acha que não tem isso, que não deixe de procurar a música, que não deixe de pesquisar, que não perca a coragem de investigar. Ter curiosidade. Esse é um processo que nós vamos ter de construir todos juntos. As universidades também estão buscando se mobilizar para isso, para atender a essa procura de uma formação musical. Então, novos cursos certamente serão criados em função disso.

SM – Pensamos e discutimos o que pode ser a música na escola. Discutimos o que não deve ser a música na escola. Na medida em que sabemos o que é isso, podemos, também, buscar a essência.

MS – O trabalho começa agora, na verdade.